Grupo Parlamentar
PARTIDO SOCIALISTA

VOTO DE PESAR Nº 227/XII

PELO FALECIMENTO DE FERNANDO MASCARENHAS

No passado dia 12 de novembro morreu Fernando José Fernandes Costa Mascarenhas.

Conhecido pelo seu título de Marquês da Fronteira ou o "Marquês Vermelho" pela sua oposição ao Estado Novo, Fernando de Mascarenhas era um homem generoso, culto e com um reconhecido sentido de humor, que dizia de si próprio que era: "um homem avidamente interessado na cultura", "monárquico por vocação e republicano por convicção". Embora se considerasse um homem de esquerda, nunca minimizou a sua condição de herdeiro de um dos maiores patrimónios associados à antiga nobreza, escrevendo até um sermão para o seu sucessor que intitulou "Notas para uma Ética da Sobrevivência" onde resume o modo como achava que se deve lidar com um estatuto e património como o seu: " sê primeiro um homem e depois, só depois, mas logo depois, um aristocrata."

Fernando Mascarenhas nasceu em Lisboa, a 15 de abril de 1947. Licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, lecionou na Universidade de Évora durante oito anos.

Começou a interessar-se por política aos 16 anos aquando das lutas estudantis de 1961, momento no qual começa a contestar o regime opressivo em que vivia. No final dos anos 60 promove reuniões clandestinas e conspirativas no Palácio Fronteira, nomeadamente para preparar a estratégia da oposição democrática onde, segundo conta numa entrevista, estavam presentes Jorge Sampaio, Vítor Reis, Vítor Wengorovius, Maria Barroso e António Reis, entre outros.

Apesar da sua oposição ao regime, após o 25 de abril, tem consciência que a sua condição de grande latifundiário lhe pode trazer alguns dissabores e parte primeiro para Marrocos e depois para Londres, sendo um período que relata com lucidez e humor. " Eu vivi o 25 de abril como homem de esquerda e como administrador do património da casa. Não foi fácil mas fascinante. Quando em 1969 tomei as posições que tomei contra o regime, eu já conhecia a revolução francesa e estava ciente de que, se houvesse uma revolução a minha cabeça também acabaria por rolar."

Não rolaram cabeças. Fernando Mascarenhas assistiu pacificamente a uma ocupação da herdade da Torre que, segundo as suas palavras, acabara por ser uma ocupação "simbólica" e esperou que as "coisas seguissem o seu curso normal" até à sua restituição vinte anos mais tarde.

Em 1989, Fernando Mascarenhas sempre consciente que "os privilégios criam responsabilidades" cria a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, instituição de utilidade pública cuja vocação é o restauro e a preservação do palácio fronteira e a promoção de atividades culturais, científicas e educativas com a preocupação de partilhar com a comunidade o património que herdara.

Em 1994, foi condecorado com a Comenda da Ordem da Liberdade.

Sempre preocupado com o trabalho de divulgação cultural, Fernando de Mascarenhas dirigiu e apresentou o programa "Travessa do cotovelo", na RTP2, em 2000, tendo também colaborado com o Plano Nacional de Leitura.

Grupo Parlamentar
PARTIDO SOCIALISTA

Como ele próprio afirmava, o sonho de Fernando Mascarenhas era "haver outras vidas com a memória da que ficou para trás", pois "só o futuro justifica algum esforço. E o futuro ancorado no passado, o futuro que toma o passado como referencia a reinventar. O presente é para digerir com calma. Um dos grandes defeitos da democracia é esta pressa, é o reino do curto prazo, e a curteza das vistas dos políticos produz efeitos dramáticos na vida das nações."

A Assembleia da Republica, reunida em sessão plenária presta o devido reconhecimento ao percurso de cidadania de Fernando Mascarenhas ao longo de toda a sua vida, apresenta a toda a sua família e amigos as suas sinceras condolências e junta-se a todos os que lamentam a perda de um incontestável símbolo da cultura e democracia portuguesas.

Assembleia da República, 26 de novembro de 2014

Os Deputados